

GEOGRAFIA DOS ESPAÇOS VIVIDOS: PONDERAÇÕES REFLEXIVAS SOBRE A PERCEPÇÃO ESPACIAL

Lucas Henrique de Souza

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, Três Lagoas, Brasil

E-mail: lukas_l.h.s@hotmail.com

Patricia Helena Mirandola Garcia

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, Três Lagoas, Brasil

E-mail: patriciaufmsgeografia@gmail.com

Resumo

A geografia é a ciência que se encarrega do estudo das relações humanas com a natureza, sobretudo, espacializadas. No entanto, antes de uma reflexão do uso espacial, é importante pensar a produção do espaço sendo esse processo inerente às ações humanas. Essas ações resultam em práticas sociais desenvolvidas por seres posicionados e corporificados na sociedade, onde a construção das representações sobre o espaço a partir do mundo percebido é influenciado pelo conceito em questão: o espaço vivido. Diante disso, objetivamos nesse trabalho uma análise de trabalhos que abordam esse conceito, em que, a partir de análise textual desses trabalhos, utilizando o software IRAMUTEQ podemos delinear ponderações reflexivas, no qual, é concebido o espaço vivido não só como um conceito, mas uma possível metodologia científica aos trabalhos que envolvem a relação socioespacial, constituindo uma geografia dos espaços vividos, ao abordar as categorias de análises geográfica como categorias experienciadas e vividas.

Palavras-chave: espaço vivido; representações sociais; lugar; espacialização

GEOGRAPHY OF LIVING SPACES: REFLECTIVE CONSIDERATIONS ON SPATIAL PERCEPTION

Abstract

Geography is the science that studies human relationships with nature, especially in spatial terms. However, before reflecting on spatial use, it is important to think about the production of space as this process is inherent to human actions. These actions result in social practices developed by beings positioned and embodied in society, where the construction of representations about space from the perceived world is influenced by the concept in question: lived space. In view of this, in this work we aim to analyze works that address this concept, in which, based on textual analysis of these works, using the IRAMUTEQ software, we can outline reflective considerations, in which the lived space is conceived not only as a concept, but a possible scientific methodology for work involving socio-spatial relationships, constituting a geography of lived spaces, by approaching the categories of geographic analysis as experienced and lived categories.

Key words: lived space; social representations; place; spatialization

GEOGRAFÍA DE LOS ESPACIOS DE VIVIENDA: CONSIDERACIONES REFLEXIVAS SOBRE LA PERCEPCIÓN ESPACIAL

Resumen

La geografía es la ciencia que estudia las relaciones humanas con la naturaleza, especialmente en términos espaciales. Sin embargo, antes de reflexionar sobre el uso del espacio, es importante pensar en la producción del espacio ya que este proceso es inherente a las acciones humanas. Estas acciones resultan en prácticas sociales desarrolladas por seres posicionados y encarnados en la sociedad, donde

la construcción de representaciones sobre el espacio a partir del mundo percibido está influenciada por el concepto en cuestión: espacio vivido. Ante esto, en este trabajo pretendemos analizar obras que abordan este concepto, en las cuales, a partir del análisis textual de dichas obras, utilizando el software IRAMUTEQ, podemos esbozar consideraciones reflexivas, en las que el espacio vivido se concibe no sólo como un concepto, sino una posible metodología científica para el trabajo que involucra relaciones socioespaciales, constituyendo una geografía de espacios vividos, abordando las categorías del análisis geográfico como categorías experimentadas y vividas.

Palabras-clave: espacio vivido; representaciones sociales; sitio; espacialización

Introdução

O presente trabalho objetiva refletir e elucidar a questão da percepção e representação social como um caminho para a compreensão espacial em suas variadas ramificações. A geografia já caminhou diferentes abordagens ao longo da história, seus conceitos estabelecem diante a suas historicidades, pressupondo um tempo e espaço, não diferiria atualmente, em que geógrafos continuam avançando através das pesquisas, requisitadas pelas transformações ocorrentes na relação das pessoas com a natureza.

O grande destaque da dinâmica espacial, é questionar quem são essas pessoas? Quais são suas percepções e representações diante o espaço em que vivem? Perguntas-chave que podem possibilitar uma metodologia para compreender os sujeitos, entendendo quem são, seus comportamentos, ações e posicionamentos diante a sociedade, em que, esses elementos serão o motor da produção espacial e suas relações exercida pela ser humano¹.

É fato de que nascemos e vivemos em uma sociedade capitalista, dividida em classes e reproduzida em desigualdades, contudo, a nossa posição no mundo pode dizer muito sobre nós, isso porque carregamos representações advindas de antepassados, histórias, crenças etc. tudo produzido socialmente e formando cada cultura ao redor do mundo. A nossa percepção sobre o espaço é produzida e reproduzida a partir das relações sociais, onde, nós enquanto sujeitos sociais somos moldados pela própria sociedade, onde nós e tudo ao nosso redor é construído socialmente, até mesmo os discursos, como já dito pelos renomados atores Pierre Bourdieu (2001) e Michel Foucault (1997).

Todavia, cada sujeito possui sua individualidade, em que suas percepções irão ser diferenciadas, no conjunto representativo, temos as particularidades de cada ser humano, em que o todo é formado, considerando suas posições e contextos sociais diferentes, em que, a sua percepção espacial pode construir relações com determinados lugares, como já colocado pela brilhante obra de Tuan (1974), o tal do “lugar” que também constitui uma categoria de

¹ Optou-se nesse trabalho por substituir o termo clássica da geografia “homem” para “ser humano” considerando que não só os homens estavam ou estão no mundo, contrapondo a estrutura machista.

análise da geografia, mas, quem são esses que concebem seus lugares, como pensam esses espaços e as relações? Considerando o conhecimento geográfico antigo e acompanha os sujeitos desde as primeiras civilizações.

Sendo assim, este trabalho consiste em levantar ponderações reflexivas e delinear os caminhos para os estudos geográficos a partir das percepções e representações sociais, acompanhado da corrente humanista, que vem crescendo a partir da década de 1960, na geografia, colocando como enfoque os sujeitos e as subjetividades produzidas e produtoras do espaço geográfico e para as ponderações reflexivas, além do trabalho bibliográfico, foi feito uma análise dos artigos publicados em periódicos científicos que têm trabalhado a temática no âmbito dos estudos geográficos. Esse material será tratado e analisado utilizando o ‘software’ de análises textuais IRAMUTEQ, de modo a delinear e compreender o tema, principalmente, a ênfase do assunto no âmbito geográfico, bem como as concepções trazidas sobre os espaços vividos pelo sujeito, em uma perspectiva humanista, sobrelevando a voz desses sujeitos.

O espaço vivido

É importante colocar de início que a geografia tem um papel essencial na vida de todos, no âmbito político, econômico, social, cultural, evidenciando o espaço vivido e as relações desenvolvidas sobre ele. Cotidianamente, nos tornamos produto e produtor desse espaço, envolvendo ações concretas intermediadas pelas percepções e representações que construímos ao longo da vida.

Para além de um espaço, onde há forma e conteúdo, objetos e ações, conforme Santos (1996) aponta, há pessoas, corpos, vozes, que constituem parte fundamental na constituição do espaço, aproximando a geografia a uma corrente humanista, analisando não só a estrutura espacial, mas, também, as relações subjetivas entre pessoas com o espaço, objetivando “compreender seus valores, comportamentos e aspirações” (MALANSKI, 2014, p. 32).

Desse modo, a corrente humanista na geografia, propõe um estudo voltado as experiências e percepções, em que, diante as categorias de análises geográficas, o lugar se destaca, pois, “do método fenomenológico foram apropriados, principalmente, os conceitos de “mundo vivido” (Lebenswelt) e de “ser-no-mundo”, que na geografia seria identificado com o conceito de lugar” (HOLZER, 2008)

Essa corrente geográfica se aproxima de estudos fenomenológicos, pois, conforme colocado por Merleau-Ponty (1999) o ser humano se revela como ser-no-mundo, ativo na conformação do espaço, no qual, a percepção e a consciência tornam-se o elemento chave na experimentação com o mundo.

Partia-se de um mundo em si que agia sobre nossos olhos para fazer-se ver por nós, tem-se agora uma consciência ou um pensamento do mundo, mas a própria natureza deste mundo não mudou: ele é sempre definido pela exterioridade absoluta das partes e apenas duplicado em toda a sua extensão por um pensamento que o constrói. Passa-se de uma objetividade absoluta a uma subjetividade absoluta, mas esta segunda idéia vale exatamente tanto quanto a primeira e só se sustenta contra ela, quer dizer, por ela (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 69).

Nesse contexto, as experiências e percepções são vividas no espaço, a partir de um corpo, uma consciência, no qual os fenômenos são apresentados e concebidos. A Geografia Humanista é sistematizada na preocupação com as relações subjetivas entre pessoas e grupos a fim de compreender os comportamentos, valores e anseios que impulsionam a vida humana, apresentados através do cotidiano, conforme afirma Marandola Jr. (2016)

a Geografia Humanista, apoiada filosoficamente na fenomenologia, busca compreender a realidade, em um primeiro momento, a partir da experiência humana direta e imanente com as circunstâncias do vivido e com o acontecer fenomênico. Seu segundo movimento se dá pelo pensamento ontológico e, por fim, pelas relações da própria Geografia com outros campos do conhecimento, dentre os principais, a Filosofia e a Arte (MARANDOLA JR. 2016, p. 685)

Em (TUAN, 1980, p. 284) “uma pessoa é um organismo biológico, um ser social e um indivíduo único; percepção, atitude e valor refletem os três níveis do ser”. Verifica-se que em um universo fenomenológico, as pessoas formam realidades complexas, englobando diferentes manifestações, como: o conhecimento; o corpo; a linguagem; a cultura; o trabalho etc.

Nesse processo, por meio dos cinco sentidos, os seres humanos concebem o espaço em sua volta, interagindo e tornando-os conscientes do mesmo, portanto, a percepção se desenvolve como resposta aos estímulos externos, transformando o desconhecido no conhecido, de modo que, a medida de sucessivas experiências regulares ao percurso da vida, são atribuídos significados a essas percepções. Segundo Merleau-Ponty (1999) as percepções não são apenas uma concentração de sensações e memórias, mas um fenômeno projetado com significados próprios, constituindo o fundamento da experiência.

Em uma perspectiva geográfica, as vivências cotidianas construídas no espaço, são importantes no entendimento das relações humanas com a natureza, visto que, as percepções e representações serão o motor comportamental do corpo, pois, “o espaço não é somente percebido, sentido ou representado, mas também vivido. As imagens que as pessoas constroem estão impregnadas de recordações, significados e experiências” (KOZEL 2007, p. 117). Acrescentando, Merleau-Ponty (1999) aponta a inexistência de espaço sem sujeito, no qual, toda experiência no espaço está articulada a um referencial, porque as pessoas tentam compreender o espaço que as cercam. Portanto, o espaço é posto como um modo da existência humana

No entanto, esses espaços devem ser colocados em questão nas discussões geográficas, utilizando ferramentas como entrevistas, questionários, mapas mentais, e podendo ser trabalhados sob metodologias como história oral e etnografia, métodos e ferramentas que protagonizam os sujeitos e enfatizam suas percepções, possibilitando dados substanciais e concretos na compreensão geográfica, não se limitando apenas a reprodução e decoração de informações espaciais.

Angelo Serpa (2019), em sua obra *Por uma Geografia dos Espaços Vividos* resgata a preocupação e a ênfase da geografia humana nos estudos espaciais, defendendo os processos de construção de paisagem e as interações políticas, em que há necessidade de posicionar o estudo fenomenológico de experiência da paisagem no contexto de produção político, relacionando-se diretamente na produção espacial.

A relação entre Geografia e Fenomenologia permite entrever uma produção situada do conhecimento geográfico, uma ontologia espacial que enalteça e sublinhe uma Geografia dos espaços vividos, uma Geografia « situacional », de modo que, enquanto método ou filosofia, a Fenomenologia permite a um só tempo a crítica e a renovação da Geografia enquanto conhecimento (prático e científico). (ZANOTELLI, 2020, p. 3)

Sendo assim, a geografia revela-se em sua essência ao estudar o espaço geográfico, espaços vividos, produzidos e concebidos por sujeitos posicionados em um determinado contexto histórico e sociedade.

Lugar, vivências e percepções

Acima, destacamos a importância da abordagem humanistas na compreensão espacial, porém, a geografia brasileira ainda enfrenta uma resistência em método

fenomenológico e abordagens humanistas, carregando nas historicidade do saber geográfico métodos descritivos e quantitativos não explicam uma realidade complexa que envolve relações subjetivas corporificados no sujeito social em vivência com o espaço. Milani (2021) coloca:

o corpo não pode ser tratado de modo universal e neutro, pois tem raça, sexualidade e gênero, além de idade (faixa geracional) e classe socioeconômica e todos esses aspectos integram também os corpos daqueles que pesquisam. Não há um “pensador puro”, mas um ser corporificado, nesse sentido questiono a neutralidade científica. (MILANI, 2021, p. 130)

Nessa perspectiva, compreendemos a importância dos espaços vividos nas pesquisas e discussões geográficas, visto que, nota-se em trabalhos que visa a investigação espacial, o processo de descorporificação² do sujeito para um indivíduo equânime, colocando as representações de um mundo percebido e concebido em segundo plano.

Os espaços vividos e concebidos pelos sujeitos sociais, são enunciações³ da relação do ser humano com o ambiente, a partir das suas vivências e percepções o mundo é percebido e concebido, ou seja, enunciado⁴. A questão colocada é: como compreender o espaço, desarticulando os sujeitos que vivem e produzem o mesmo, diante suas ações e comportamentos, influenciados pelas percepções e representações, refletidos na relação espacial. Considerando a formação cognitiva e o processo de significação, os sujeitos podem conceber um mundo diferente do real, dependendo da posição do corpo nesse espaço, onde as vivências são os parâmetros-chave para a construção de um lugar, como cita Oliveira-Junior (2011).

A construção da ideia e da imagem de um lugar é resultante das inúmeras práticas sociais e discursivas que nele se desenvolvem ou a ele se referem. Cada indivíduo e cada grupo social criam uma versão de um lugar. Particularmente, o lugar onde vivemos é permeado de versões, as mais distintas ou semelhantes, normalmente sintonizadas às distinções e semelhanças das práticas sociais ali vivenciadas ou sofridas. (OLIVEIRA-JUNIOR, 2011, p. 14)

Kozel (2018), concebe as percepções e as representações sociais (respectivamente, a primeira e segunda instância no processo de relação com o mundo) como uma categoria importante para o estudo dos sujeitos e o mundo que esses estão se relacionando. Todo ser

² Substituir o sujeito social, que possui classe, raça e gênero e colocando-o em uma posição de neutralidade, como um indivíduo que não possui corpo e posicionamento na sociedade.

³ De acordo com a teoria linguística de Bakhtin, consiste no processo do diálogo, entre o locutor e o interlocutor, em que as palavras estão contextualizadas em um espaço e por um corpo.

⁴ É o produto formado pelo processo de enunciação, o significado dado ao diálogo e conseqüentemente produtora de uma ação.

humano é posicionado em um contexto social, onde interage e reage de acordo com suas percepções e vivências, formando uma representação social desse espaço, em que, o indivíduo compõe o coletivo e o coletivo é formado por suas individualidades.

Ademais, os seres humanos materializam a realidade usando ferramentas exclusivas, denominados de signos⁵, contextualizados e a partir da relação dialógica, constituindo sua significação e representação.

Na visão bakhtiniana, um signo existe quando as pessoas estão inseridas num contexto social, em um determinado momento histórico, pois as palavras são neutras, os contextos é que lhes dão significado. (KOZAEI, 2018, p. 68)

Partido da concepção e teoria bakhtiniana, seguido pela autora, as palavras que estruturam a linguagem e edificam as interações verbais estão carregadas de histórias, percepções, lugares e vivências, partindo de um contexto e uma posição, em que esses elementos influenciam na locução e interlocução do sujeito.

As percepções e representações sociais, estruturam uma categoria indispensável nos estudos das ciências humanas, sobretudo, a geografia, pois o ser social produz em suas falas ações e posicionamentos, logo, o espaço vivido, concebendo representações que abarcam uma produção de saberes sociais, produzidos cotidianamente, pertencendo a esses espaços Jovchelovitch (1998).

Nesse contexto, a Teoria das representações Sociais – TRS expande suas possibilidades para além da psicologia, porque segundo Sá (1995) a partir do mundo percebido e das representações construídas, entre o psíquico e o mundo externo, que o ser humano concebe o conhecimento e apreensão da realidade, norteando a interação (comportamento) e comunicação (linguagem) entre as pessoas e o espaço.

Todavia, as representações sociais são resultadas de processos amplos e subjetivos, carregando bagagens culturais e históricas, codificando representações utilizadas pelas pessoas diariamente para conceber o mundo e agir sobre ele.

Ainda que exista a apropriação/reconstrução individual das representações sociais, elas transbordam a vida mental do indivíduo isolado e formam uma realidade própria, compondo a identidade de um grupo social, orientando e justificando suas práticas sociais. (CHAMON, GUARESCHI, CAMPOS, 2014, p. 11).

⁵ Segundo Kozel (2018) são as decodificações dos sinais percebidos.

Sendo assim, quando iniciamos uma pesquisa, sobretudo, envolvendo o objeto — espaço, se torna imprescindível considerar o contexto socioeconômico e sociocultural, envolvido pelos seres humanos, corporificados e posicionados em classes sociais, em que suas ações e vivências respaldam o seu entendimento do mundo e das relações. Portanto, nossa análise buscamos trabalhos que abordam o conceito de espaço vivido para delinear as perspectivas humanistas e compreender as preocupações em torno do sujeito e suas relações com o espaço, abordados nos trabalhos científicos, sobretudo, na geografia.

Metodologia

Objetivando a compreensão do conceito *espaço vivido*, nos trabalhos científicos, principalmente, geográficos, utilizamos o software IRAMUTEQ para análise dos resumos em trabalhos selecionados. A partir do software, foi possível delinear as discussões em torno do tema, apresentando os dados em formas de representações semióticas utilizando recursos disponibilizados e concebidos pelo programa, colaborando com a organização e sistematização da análise.

A primeira etapa do trabalho, foi realizado um levantamento bibliográfico em torno do tema, pesquisando as discussões humanistas produzidas na ciência geográfica e seu desenvolvimento histórico. Os levantamentos e discussões caminham para a importância dos espaços vividos nos estudos científicos, precipuamente, nos estudos de cunho geográfico, pois o espaço é produzido e concebido pelas relações humanas com a natureza.

Na segunda etapa, foi realizada a busca e a seleção dos trabalhos científicos que abordam o tema. A busca foi feita por meio da metodologia *Booleana* delimitado com a palavra-chave “espaço vivido” utilizado nas plataformas “Periódicos Capes” e “Google Acadêmico”. Esse processo, originou a seleção de 30 resumos, realizados entre o período de 1990 e 2020, sendo 23 trabalhos geográficos e 7 trabalhos de outros campos científicos. A seleção estruturou-se na análise prévia dos resumos em que a discussão do espaço vivido se tornará objeto central.

Sendo assim, os trabalhos abordam o espaço vivido como categoria central na produção do fenômeno pesquisado, os trabalhos de outras áreas foram selecionados para comparar as abordagens, considerando quantidade pequena de trabalhos encontrados na geografia que trabalham o espaço vivido como ótica central.

A terceira etapa, se edifica na organização dos resumos e a construção do corpus textual⁶, usando o código *** *ID_ (identificação) *variável_, para ser efetuada o processamento e leitura do corpus pelo programa. Nesse corpus a variável utilizada foi a área de concentração do trabalho, possibilitando um subcorpus de metadados⁷ para a análise e comparação da abordagem do tema na geografia e nas outras áreas.

Na quarta etapa, é consolidado o processamento dos dados e obtenção dos resultados para análise e discussão. Ademais, o utilitário possibilitou cinco tipos de análises textuais, sendo escolhidas: análises lexicográficas clássicas; especificidades; análise de similitude e nuvem de palavras.

As análises textuais selecionadas, possibilitaram a produção de um material visual e qualitativo para a análise e compreensão da categoria *espaço vivido*, nos trabalhos acadêmicos selecionados, permitindo o delineamento das possibilidades do conceito como metodologia para os estudos que envolvem fenômenos resultantes das relações ser humano e natureza.

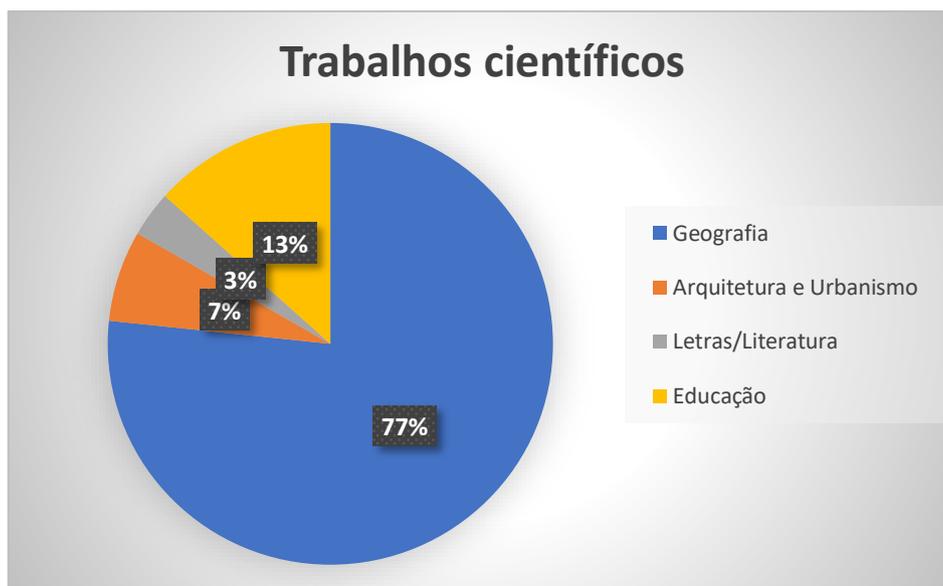
Resultados e discussões

Os trabalhos selecionados, abordam o espaço vivido em diferentes temáticas, a busca se concretizou na centralidade do conceito, abarcando discussões que envolvem sujeito, vivências e representações. Na figura 01 é possível observar a quantidade de trabalhos processados pelo programa e suas respectivas áreas, considerando as suas especificidades na discussão do objeto central.

Figura 1 – Área temática dos trabalhos selecionados

⁶ Corpus textual é o conjunto texto que se pretende analisar, organizado em um único arquivo com formato de extensão TXT.

⁷ Divisões do corpus textual por segmentos e variáveis.



Org: Os autores (2022)

Observa-se, a maior quantidade de trabalhos selecionados no acervo é na área da geografia, com 77%, sendo o porquê explicado pelo seu próprio objeto de estudo: o espaço. A seguir temos a área de educação, com 13% dos trabalhos selecionados, em que as obras buscam compreender a educação escolar, pressupondo as vivências e as relações desenvolvidas no âmbito educacional, contribuindo para o delineamento educacional do país. Com 7% é apresentando a área da arquitetura e urbanismo, onde os trabalhos pesquisam e discutem o planejamento urbano, ponderando as percepções oriundas das vivências urbanas. Em último com 3% ficam letras que centralizam suas discussões em vivências e linguagens.

Todos esses trabalhos foram processados pelo software e a análise será apresentada em tópicos, conforme as possibilidades ofertadas. Os dados permitiram comparar as abordagens do conceito de espaço *vivido* na geografia e em outras áreas, utilizando o subcorpus metadados com a variável área.

I) *Estatísticas (análises lexicográficas)*

Essa ferramenta, inicia as análises textuais, apresentando uma análise básica, em que, serão contados o número de vezes que cada palavra aparece no corpus textual, separando esse vocabulário em palavras ativas (adjetivos, substantivos, verbos, advérbios e formas não reconhecidos) e secundárias (conjunções, pronomes, artigos, preposições etc.)

Para esta ferramenta foram utilizados todos os trabalhos, sem separação de metadados por variável, onde o programa apresenta um resumo das estatísticas de palavras analisadas, apresentados na tabela 01.

Tabela 1 - Resumo da análise das estatísticas (análises lexicográficas)

Número de textos	30
Número de ocorrências	5.298
Número de formas	1.270
Número de hápax	718
Média de ocorrências por texto	176,60

Org. Os autores (2022)

Nos 30 textos selecionados, foram encontradas 5.298 ocorrências, 1.270 formas, sendo formas ativas e suplementares, 718 hápax⁸ equivalente a 13,55% do número de ocorrências e 56,54% do número de formas. Por fim, a média de ocorrências por texto é 176,60, compondo o resumo estatísticos da análise lexicográfica.

Após o processamento, o software abre um guia de navegação, onde é colocado as palavras (formas ativas) e quantidade de vezes em que ela aparece no corpus textual em ordem decrescente, apresentando o vocábulo que predomina e contextualiza as discussões. Observa-se no quadro 01.

Quadro 1 – Tabela de Palavras (Formas Ativas)

Palavras	Frequência
espaço	99
como	72
viver	45
geografia	31
partir	26
trabalho	20
escola	20
lugar	19
escolar	19
conhecimento	18
aluno	17
geográfico	16
análise	16
relação	15

⁸ Palavras que aparecem no corpus textual apenas uma vez.

sujeitar	14
social	14
forma	14
vida	13
prático	13
pesquisa	13
mais	13
estudo	13
construir	13
cidade	13

Org. Os Autores (2022)

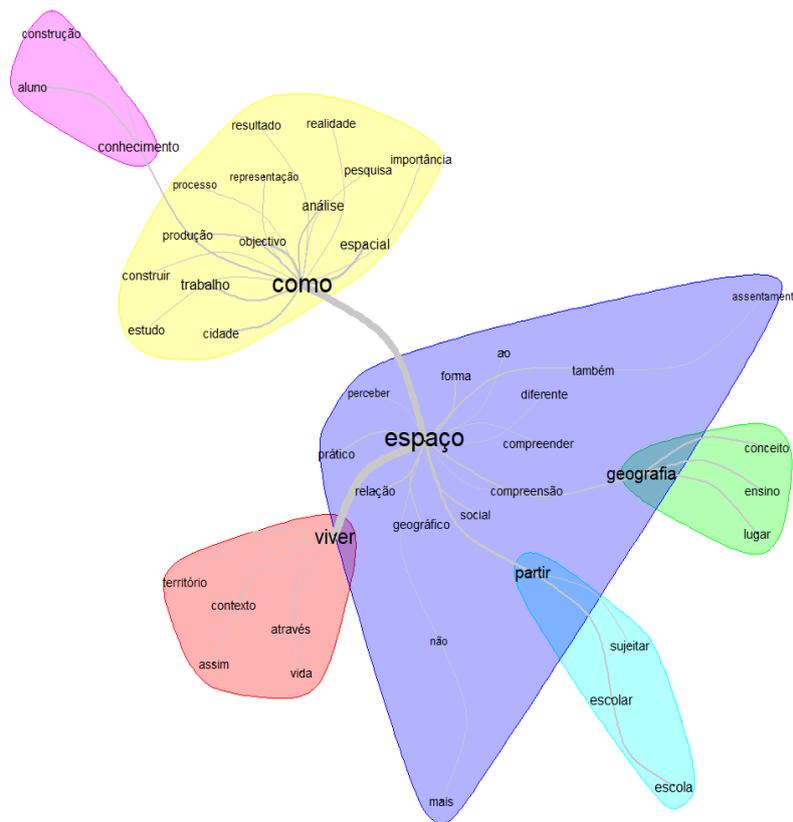
A palavra mais frequente (espaço), no corpus, está relacionada à geografia, considerando o volume maior de trabalhos e o conceito de espaço ligado ao objeto geográfico. Todavia, em seguida podemos observar outras palavras importantes na caracterização do estudo, a palavra “como” (72) tem sua maior frequência no contexto de modo, indicando o modo de ações e percepções do espaço conduzidos pelos sujeitos, em que, a palavra “viver” (45) a seguir descreve uma conjuntura de vivência e experiência, a partir da discussão do vivido e percebido pelos sujeitos das pesquisas, acompanhado no contexto com as palavras: “lugar” (19), “conhecimento” (18), “relação” (15) e “vida” (13).

Ademais, é importante a análise do contexto dessas palavras frequentes, para poder compreender a discussão em torno do tema e a sua significação nas pesquisas produzidas. Portanto, a figura apresentada a seguir permite uma visualização das palavras e suas ligações simbolizando uma árvore de palavras e suas semelhanças por meio de galhos conectados.

II) *Análise de similitude*

Essa ferramenta, permite a construção de uma árvore de palavras, no qual, há identificação das coocorrências entre as palavras, obtendo indicações de vínculos entre os vocábulos. A figura 02 é apresentado o resultado do processamento da análise de similitude das palavras do corpus textual (envolvendo todas as áreas), arquitetado em uma representação de árvore.

Figura 2 - Árvore de similitude das palavras (corpus textual)



Org. Os Autores (2022)

Essa ferramenta, se destaca pela edificação do resultado a partir de uma semiologia ótica, estruturada por formas, cores e disposição, oferecendo uma compreensão didática e satisfatória. A apresentação dos dados será feita em analogia com o símbolo da árvore, considerando o objetivo da ferramenta para a leitura das palavras, simbolizando folhas e galhos.

Na folha principal (lilás) temos a palavra-chave que interliga todas as outras: *espaço*. Essa palavra contextualiza todas as outras folhas, em que há uma interrelação entre elas, considerando os trabalhos geográficos estruturados no objeto de estudo propriamente dito. Ao observar em volta da palavra podemos visualizar a relação direta do espaço com os objetivos da pesquisa, onde estão as palavras: “perceber”, “compreender”, “relação”, “geográfico”, “social”, “forma”, “prático” etc. Esses vocábulos concebem ao espaço um núcleo central, onde tudo acontece, ou seja, é no espaço que estão acontecendo as relações, as sociedades, percebidas pelos sujeitos e compreendidos ao estudar o espaço.

Em pesquisas geográficas, o espaço é o coração, envolvendo todo o contexto dos fenômenos e suas estruturas produzidas e condicionados pela relação do ser humano e natureza. São nesses espaços que os sujeitos se relacionam e posicionam, onde o viver ligado ao espaço com a folha (rosa) contextualizam essas experiências e representações.

Nota-se que na mesma folha azul a palavra assentamento está ligada ao espaço, isto porque entre os trabalhos geográficos selecionados, há um em específico, que procura a compreensão da vivência dos sujeitos assentados a partir da luta pela terra, envolvendo suas histórias, percepções e resistência perante o capitalismo que visa a terra para o lucro.

Na conjuntura da análise, a palavra central está ramificada em quatro folhas, sendo a segunda maior em extensão a folha amarela, coordenada pela palavra como, estabelecendo uma chave na discussão dos trabalhos selecionados, pois o espaço será o meio, a ponte, o trajeto, objeto principal apresentados pelas palavras: “produção”, “processo”, “resultado” e “realidade”. Esse espaço será concebido como o cerne das discussões, representando a realidade, os processos, a produção e as representações, como dito anteriormente, é no espaço vivido que o mundo se constrói.

As pesquisas, estão preocupadas em compreender a realidade, a partir dos espaços vividos, pois voltando ao início da discussão podemos perceber a importância desse espaço e das vivências que organizarão as representações e condicionarão as ações humanas diante ao mundo. Na mesma folha, as palavras “importância”, “análise”, “objetivo”, “estudo”, “pesquisa” e “espacial” evidenciam a discussão apresentada.

A folha amarela ainda se ramifica em outra folha coordenada pelo conhecimento, interligando as palavras aluno e construção, evidenciado nas pesquisas que trabalham o ensino de geografia, em que se evidencia a importância de analisar o espaço escolar, o aluno e suas percepções para compreender a construção do conhecimento e o processo de aprendizagem para a formação de um cidadão. No mais, os alunos em um conjunto escolar, possui diversas representações sobre o mundo, a partir de suas vivências e ao ignorar essas concepções é perdido parte da essência e da significância ao aprender geografia, considerando que em um dos trabalhos há uma discussão em torno da teoria da aprendizagem significativa, relacionando os conceitos geográficos ao cotidiano do aluno para poder ter um significado, ressaltando o espaço vivido do aluno no ensino geográfico.

A outras folhas (verde, azul e vermelho) derivados da palavra espaço, complementando o sentido da interpretação do tema central, pois a verde conecta a essência da palavra espaço a geografia, seu objeto de estudo, em que sob a égide do conceito *espaço*

vivido, onde a palavra “viver” (folha vermelha) também se interliga a este conjunto, os trabalhos abordam como categoria de análise o lugar, sendo a categoria específica para esta abordagem, considerando os sujeitos e suas subjetividades relacionados aos seus espaços afetivos. Nesta mesma folha, a geografia acompanhada de “conceito” e “ensino”, pois os trabalhos na área de ensino valorizam e salientam o conceito de lugar dos alunos, inseridos no processo de ensino e aprendizagem, e importantes aos conteúdos abordados em sala de aula.

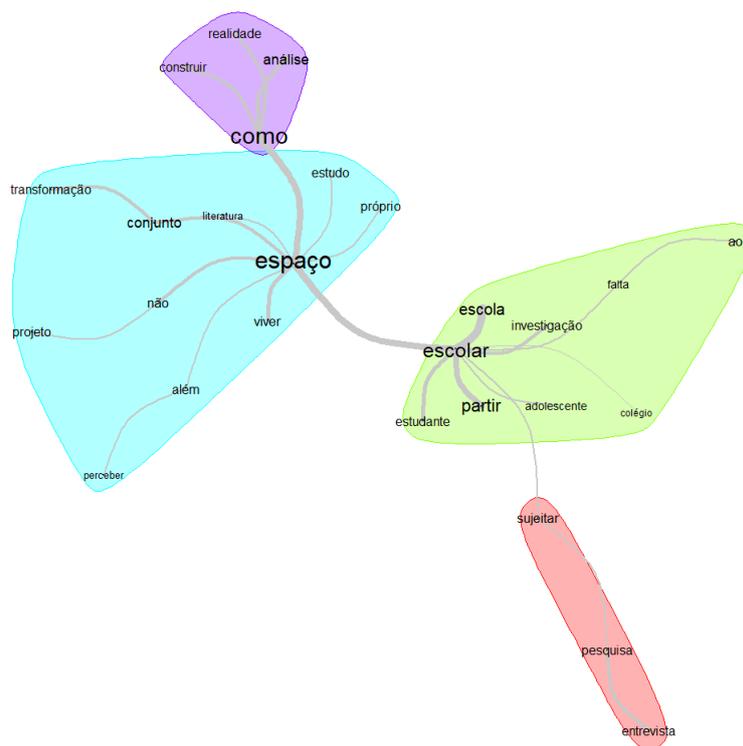
Na folha azul, esta ideia do espaço escolar está mais explícita, pois há uma abundância de trabalhos inseridos na escola, preocupando-se na abordagem do espaço escolar, onde a palavra “partir” que liga essas palavras e está vinculada ao espaço, indica as abordagens utilizadas, apontando de onde partiu as metodologias. A palavra “sujeito” englobada nessa folha, indica os principais agentes da pesquisa, sobretudo, aos trabalhos que estão nas escolas, espaço significado pelos sujeitos.

Por fim, a folha vermelha finda o conjunto de ideias sobre o espaço vivido, onde o espaço é estudo a partir das vivências, do contexto, da territorialização e dos processos subjetivos que vão além das estruturas sociais, considerando as percepções e representações de cada sujeito, produzindo e agindo sobre o mundo, portanto, o ato de viver é o estudo do espaço geográfico.

III) *Nuvem de palavras*

Essa ferramenta tem como função estruturar uma figura em formato de círculo que agrupa palavras e as acomodam graficamente em relação a sua frequência, sendo a fonte um elemento que destaca a essa variável. Essa é a mais simplificada, porém, com uma organização gráfica significativa e interessante, concebendo uma figura com uma visualização objetiva e didática, considerando as disposições e tamanhos das palavras relacionadas a sua frequência no corpus textual, na figura 03.

Figura 4 - Árvore de similitude das palavras (subcorpus)



Org. Os Autores (2022)

Percebe-se ao nível de tamanho a redução da árvore comparado a primeira apresentada, sendo a primeira o resultado da análise de todos os trabalhos na geografia e outras áreas. Nessa figura, delimitamos apenas as outras áreas, em que, as áreas da educação e arquitetura ganham destaque, enfatizados pela palavra “espaço” (folha azul) e “escolar” (folha verde) conectados e coordenados um pelo outro, pois, as pesquisas da área educacional se debruçam sobre o espaço escolar e as relações desenvolvidas no interior desse espaço, onde, em geral, a grande preocupação é o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, presentes e futuros sujeitos espaciais.

Ademais, a folha verde apresenta também as palavras: “investigação”, “partir”, “adolescente”, “colégio” e “estudante”, pois o objeto espaço escolar, e as vivências como método constituem substâncias profundas para o entendimento e investigação da educação.

A categoria “espaço” é tão importante que temos a palavra colégio em destaque, onde pesquisas delimitam e caracterizam os espaços pesquisados, pois um colégio de estrutura particular se diferencia espacialmente das escolas públicas, obtendo relações e vivências díspares, partindo de um contexto social distintos. No trecho a seguir, um dos

trabalhos caracteriza o espaço pesquisado e define seu objetivo na perspectiva de espaço vivido.

O presente estudo investiga **espaços escolares a partir das narrativas de estudantes** de Porto Alegre (RS) no período de 1940 a 1980, analisaram se as edificações das seguintes escolas: Colégio Marista Rosário, Colégio Anchieta, Colégio Americano e Colégio Farroupilha [...] (GRIMALDI; ALMEIDA, 2020, p. 1) (Grifo nosso).

Evidencia-se o espaço como um objeto, não sendo uma pesquisa de cunho geográfico, os autores salientam a investigação no espaço citado no trecho, utilizando a voz dos alunos, sujeitos que vivenciam esses colégios e possui suas percepções e representações diante a inserção cotidiana.

Assim como na educação, a folha azul liga o espaço a outros conhecimentos, como podemos observar nessa mesma folha as palavras: “literatura”, “transformação”, “projeto”, “viver”, “estudo”, “próprio”, “perceber” etc. A literatura é menos expressiva, por estar em menor quantidade dos trabalhos, porém, está atrelada a questão espacial vivida e concebida a partir da linguagem, como o trecho.

Ao investigarem-se os **espaços representados** pela literatura, a seguinte questão coloca-se: a literatura tem a ver com espaços reais? E, mesmo se a literatura deseja descrever espaços, até que ponto esse espaço pode ser descrito realmente? [...] (ALMEIDA, 2011, p. 73) (Grifo nosso)

O trabalho investiga a questão representativa do espaço nas obras literárias, pressupondo que a literatura não tem função de descrever o espaço no sentido literal, mas contextualizar percepções e representações de um espaço vivido e concebido pelos autores, tornando o espaço na literatura um elemento importante na compreensão da obra.

Há um destaque maior para os trabalhos da arquitetura e urbanismo, nessa mesma folha, em que, os planejamentos estudados dão foco às percepções dos sujeitos que vivem no espaço. As percepções também são importantes para área, considerando as projeções idealizadas e efetuadas.

Selecionamos trechos de trabalhos que destacam a dimensão cultural das percepções e representações nas edificações, considerando a análise do espaço urbano, o palco das estruturas, onde há relações e concepções compartilhadas e construídas socialmente.

A Casa é um fenômeno cultural enraizado num tempo, num espaço e nas lógicas sociais e organizativas que regem os diferentes grupos de status que a constroem e habitam. Daí ela ter uma dimensão psico-cultural e um valor simbólico expresso em ideias, desejos e sentimentos. Daí ela resultar,

em cada momento histórico, de uma dada concepção do mundo e de um certo estilo de vida. (GATO, 2013, p.1)

Este trabalho tem como objetivo analisar um fenômeno bastante comum na realidade brasileira, que é o da transformação do **espaço urbano de conjuntos habitacionais padrão COHAB** efetuada individualmente pelos moradores, após sua ocupação. A incapacidade de um grande número de projetos de conjuntos residenciais populares em atender às expectativas espaciais socialmente determinadas pelos residentes, manifesta-se pela total descaracterização das concepções originais que representam não apenas alterações de ordem quantitativa no interior do conjunto, mas, fundamentalmente, de estrutura urbana. Não é uma mudança de forma apenas, mas de modelo[...] [...]percebe-se que as alterações são efetuadas com a adoção de determinados mecanismos de transformação do espaço os quais, além de serem recorrentes no interior do próprio conjunto, são identificadas também em outros assentamentos de origem similar. Por outro lado, as regras de organização local das transformações espaciais produzem uma estrutura global nova. (RIGATTI, 1997, p. 6) (Grifo nosso)

Nos trechos, é explícito a preocupação com as representações e percepções do espaço urbano, nas pesquisas de arquitetura, fazendo discussões e utilizando conceitos geográficos para investigar e compreender os fenômenos da cidade, sobretudo, as transformações estruturais ocorridas nesse espaço ao longo do tempo, processos que estão além do visível aos olhos, mas que modificam as formas e funções.

No mais, o primeiro trecho traz a casa como um fenômeno cultural e simbólico, contextualizando não apenas como um direito básico, mas um ideal construído socialmente e ressignificado ao longo da história. Exemplo disso são edificações de luxuosos condomínios fechados de um lado e os conjuntos habitacionais do outro, objeto de estudo do trabalho citado no segundo trecho.

Nesses dois espaços, a casa possui percepções e representações diferentes considerando a posição e o contexto social dos sujeitos moradores, sendo isso um elemento importante não só nas pesquisas de geografia urbana, mas em qualquer outra área em que sua abordagem envolve espaço e sujeitos, como o caso da arquitetura e urbanismo.

Este trabalho não tem como foco a discussão do espaço escolar nem urbano, muito menos a questão literária das obras e sim apontar as diferentes abordagens do conceito “espaço” em outras áreas além da geografia, considerando a perspectiva das percepções e representações dos sujeitos que vivem esses espaços, pois como apresentado na folha roxa, o espaço é uma categoria de análise para a geografia, mas também é utilizado, por outras ciências, como meio para compreender uma determinada realidade e a sua construção.

e produzem esses espaços, sejam nas escolas, nas cidades ou por meio das linguagens, todos estão espacializados.

Considerações finais

É imprescindível, a tomada da consciência de que a geografia e seu objeto de estudo não se limita apenas em processo e estruturas, há manifestações oriundas de representações e percepções sociais, sendo estes elementos dinâmicos e dialéticos, onde em cada parte do globo se manifestará de formas diferentes.

Antes do espaço geográfico se constituir como uma forma, há uma consciência, consciência, no qual numa perspectiva filosófica, constitui a consciência a partir da enunciação de um fenômeno, fenômeno esses frutos da ação do ser humano ao pisar na terra, sendo essas relações as precursoras da construção do conteúdo do espaço geográfico.

Em virtude do que foi colocado, no âmbito científico de cunho geográfico, o espaço vivido é importante para compreender os fenômenos em que estamos inseridos. Em grande escala, seria uma tarefa desafiadora, porém, no âmbito acadêmico, onde há pesquisas relacionados à temática urbana, escolar, agrária, ou qualquer outro tema geográfico que envolvam escalas médias e pequenas, é solene a presença das pessoas e suas percepções, visto que, suas ações interferem no fenômeno pesquisado e estão pautadas a sua formação de mundo, as representações construídas.

Portanto, antes de pensar a forma, observamos os agentes inseridos nesse espaço, ao de pensar a escola, pensar quem são os alunos, professores; ao pensar uma bacia é ponderoso pensar o seu redor e as práticas sociais exercidas diante desse corpo hídrico, qualificando a pesquisa e lapidando a gestão e o planejamento da melhor maneira.

Tendo em vista os objetivos dos trabalhos analisados, construídos a partir dos espaços vividos, podemos dizer que o espaço vivido não se limita apenas a um conceito geográfico, mas pode ter um contorno metodológico para a geografia em questão, ou seja, a geografia dos espaços vividos.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CHAMON, Edna Maria Q. O; GUARESCHI, Pedrinho Arcides; CAMPOS, Humberto Faria. Textos e debates em representação social. Org. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon. Porto Alegre: Abrapso, 2014.

COSTA, Fábio Rodrigues; ROCHA, Márcio Mendes. Geografia: conceitos e paradigmas- apontamentos preliminares. Revista Geomae, v. 1, n. 2, p. 25-56, 2010.

FERNANDES, Igor Antônio Tavares. Iramuteq: um software para análises estatísticas qualitativas em corpus textuais / Igor Antônio Tavares Fernandes. - 2019. 40f.: il.

FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

JOVCHELOVITCH, S. Representações Sociais: para uma fenomenologia dos saberes sociais. Psicologia e Sociedade, v. 10, n. 1, p. 54-68, 1998.

JUNIOR, Wenceslao O. Fotografia e conhecimentos do lugar onde se vive: linguagem fotográfica e atlas municipais escolares. In: ALMEIDA, Rosângela Doim de. (Org). Novos rumos da cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia. São Paulo: Contexto, 2011.

KOZEL, S. Mapas Mentais: Dialogismo e Representações. 1ª ed. Curitiba, PR: Appris, 2018.

LACOSTE, Y. A Geografia isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Papirus. 1988.

MALANSKI, L, M. Geografia humanista: percepção e representação espacial. **Revista Geográfica de América Central**, Vol 1 (52). Enero-Junio, pp. 29-50. 2014.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. 2a Ed. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

MILANI, P. H. Contribuições Da Epistemologia Feminista Para As Pesquisas Geográficas. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Seção Três Lagoas, v. 1, n. 34, p. 125-150, 24 dez. 2021.

MORAES, A.C.R. Geografia: pequena história crítica, 20a ed. São Paulo, Annablume, 2005.

RATINAUD, P. IRAMUTEQ: Interface de R para as Análises Multidimensionais de Textos e Questionários. 2009. RATINAUD, P.; MARCHAND, P. Application de la méthode ALCESTE à de "gros" corpus et stabilité des "mondes lexicaux": analyse du "Cable-Gate" avec IramuTeQ. In: Actes des 11eme Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles (pp. 835-844), 2012.

SÁ, Celso Pereira. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. O conhecimento no cotidiano. São Paulo: Brasiliense, p. 19-45, 1995.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. (Tradução de Livia de Oliveira). Londrina: Eduel, 2012.

ZANOTELLI, Cláudio Luiz. Angelo Serpa, Por uma Geografia dos espaços vividos. São Paulo: Editora Contexto, 2019. Geografães, n. 30, 2020.

Submetido em: dezembro de 2022

Aceito em: setembro de 2023